

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Educação no Brasil e no Mundo: Avanços, Limites e Contradições 4



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Educação no Brasil e no Mundo: Avanços, Limites e Contradições 4



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 A educação no Brasil e no mundo [recurso eletrônico] : avanços, limites e contradições 4 / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020. – (A Educação no Brasil e no Mundo. Avanços, Limites e Contradições; v. 4)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-934-9
DOI 10.22533/at.ed.349202001

1. Educação. 2. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ítaca

Se partires um dia rumo à Ítaca

Faz votos de que o caminho seja longo repleto de aventuras, repleto de saber.

Nem lestrigões, nem ciclopes, nem o colérico Posidon te intimidem!

Eles no teu caminho jamais encontrarás.

Se altivo for teu pensamento

Se sutil emoção o teu corpo e o teu espírito tocar

Nem lestrigões, nem ciclopes

Nem o bravio Posidon hás de ver

Se tu mesmo não os lewares dentro da alma

Se tua alma não os puser dentro de ti.

Faz votos de que o caminho seja longo.

Numerosas serão as manhãs de verão

Nas quais com que prazer, com que alegria

Tu hás de entrar pela primeira vez um porto

Para correr as lojas dos fenícios e belas mercancias adquirir.

[...] Tem todo o tempo Ítaca na mente.

Estás predestinado a ali chegar.

Mas, não apresses a viagem nunca.

Melhor muitos anos lewares de jornada

E fundeares na ilha velho enfim.

Rico de quanto ganhaste no caminho

Sem esperar riquezas que Ítaca te desse. [...]

(KAVÁFIS, 2006, p. 146-147)

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que

atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos.

A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural. A escola pode causar novas

impressões, pode abrir seu espaço para novos diálogos e conversações.

É preciso, no entanto, despertar esta relação, desacomodar-se do que é imposto. Muitos são os fatores que teimam em desmotivar, no entanto, está longe desta ser a 90 solução para um sistema educacional que precisa de maneira urgente ser repensado. Ao acompanhar a ação nestas escolas, foi impressionante observar como a movimentação contagiava todos, até mesmo aos que observavam a movimentação e curiosos passavam pelo espaço, alunos de outras turmas apareciam para ajudar e tudo era visto com grande expectativa. Os alunos que participaram do processo aparentavam estar realmente coletivamente envolvidos, e isso pode ser observado nos depoimentos. O movimento observado na montagem, na realização da exposição e na ação educativa foi surpreendente e demonstra que a escola carrega realmente consigo algo muito precioso, que é pouco valorizado, o cotidiano real, o qual não está incluso em documentos, a parte viva da escola.

A presente ação demonstrou que a escola pode tomar rumos diferentes dos quais ela é designada pelo sistema. Aponta que um destes caminhos é apostar nos processos de mediação cultural que partam do cotidiano dos sujeitos que constituem este espaço. Assim, os processos de mediação cultural atrelados ao conceito de cotidiano não documentado atuam como exercício de partilha do sensível e colaboram na formação da práxis de um pensamento artístico e cultural. Esta concepção aqui analisada remete à tomada de uma nova postura frente ao ensino da arte e a concepção de espaço escolar assinala à construção de narrativas que possam contribuir para a construção de uma escola menos determinista e mais humanitária. Ao se realizar uma ação como esta proposta, o espaço escolar permite uma participação ativa e democrática entre seus autores, possibilitando a troca de vivências e experiências na comunidade escolar, promovendo um diálogo que potencializa a produção cultural dos alunos. A mediação dos trabalhos pelos alunos foi, segundo os depoimentos, algo muito rica e satisfatória para eles, os quais se mostraram maravilhados ao poderem partilhar de suas criações e apresentá-las à comunidade escolar.

Na ação educativa os alunos mediam o processo criativo e estes momentos de mediação, em absoluto, se configuraram como exercícios de partilha do sensível, que carregados de significados possibilitam a troca e o contato com o outro. Diante do que aqui se faz exposto, nada se tem a concluir como algo pronto e acabado, assim o que se faz é concluir uma etapa, que se transformará em múltiplas possibilidades de novos fazeres, desta teia de retalhos cabe, por agora, apreciar a parte que foi tecida e refletir, para sem muito tardar, sair em busca de outros retalhos que possa quiçá, um dia, tornar-se uma trama densa da práxis educativa e artística.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
LIBERDADE SEXUAL E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA CANÇÃO <i>MARIA CHIQUINHA</i>	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Heitor Messias Reimão de Melo Paulo Rennes Marçal Ribeiro Maria Regina Momesso Débora Cristina Machado Cornélio Andreza de Souza Fernandes Monica Soares Carlos Simão Coury Corrêa Valquiria Nicola Bandeira Anna Clara de Oliveira Carling	
DOI 10.22533/at.ed.3492020011	
CAPÍTULO 2	9
AS SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS E SEU PAPEL COMO POLÍTICA DE INCLUSÃO	
Daniel de Oliveira Perdigão	
DOI 10.22533/at.ed.3492020012	
CAPÍTULO 3	14
AVALIAÇÕES DE BIOLOGIA: O QUE DIZEM ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO	
Mariana Bolake Cavalli Bruno Garcia Pires Juliana Moreira Prudente de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.3492020013	
CAPÍTULO 4	26
CELING (CENTRO DE LÍNGUAS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON): ENTRE DIÁLOGOS INTERCULTURAIS NA CONTEMPORANEIDADE E A INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE	
Elisângela Redel Diana Milena Heck Verônica P. Coitinho Constanty	
DOI 10.22533/at.ed.3492020014	
CAPÍTULO 5	39
CINOTERAPIA: PRÁTICAS TRANSDISCIPLINARES EM EDUCAÇÃO E FONOAUDIOLOGIA	
Renata Gomes Camargo Dayane Stephanie Potgurski Luana Zimmer Sarzi Camilla Fernandes Diniz Fernanda Celeste Sánchez Weber	
DOI 10.22533/at.ed.3492020015	

CAPÍTULO 6 49

COBERTURA VACINAL CONTRA PAPILOMAVÍRUS HUMANO EM ADOLESCENTES NO ACRE

Ruth Silva Lima da Costa
Cliviane da Costa Farias
Emiliane Souza Bandeira
Eder Ferreira de Arruda
Aylana de Souza Belchior
Marília Perdome Machado
Jair Alves Maia
Mediã Barbosa Figueiredo
Priscila Su-Tsen Chen
Jediel Rezende de Melo Júnior

DOI 10.22533/at.ed.3492020016

CAPÍTULO 7 59

COREOGRAFIAS, CENOGRAFIAS, CORPOS ESCOLARES: ARGUMENTOS PARA PENSAR A FORMA DA ESCOLA

Ana Paula Lima Aprato

DOI 10.22533/at.ed.3492020017

CAPÍTULO 8 70

CRIANÇAS E A FORMAÇÃO LEITORA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Raimundo Nonato de Oliveira Falabelo
Daniela Santos Furtado
Sirlane de Jesus Damasceno Ramos

DOI 10.22533/at.ed.3492020018

CAPÍTULO 9 76

CSI IFSC - QUÍMICA FORENSE PARA DESVENDAR UM ASSASSINATO

Marcel Piovezan
Claudia Lira
Felipe de Oliveira
Gisele Serpa
Rafael Lapolli da Silveira Venera
Karen Aparecida Justen
Paulo dos Santos Batista
Renata Pietsch Ribeiro
Tula Beck Bisol
Berenice da Silva Junkes
Wilson Pedro Espindola

DOI 10.22533/at.ed.3492020019

CAPÍTULO 10 82

CURRÍCULO ADAPTADO: UMA PROPOSTA PARA ALFABETIZAR LETRANDO

Viviane Cristina de Mattos Battistello
Ana Teresinha Elicker
Rosemari Lorenz Martins

DOI 10.22533/at.ed.34920200110

CAPÍTULO 11	91
CURSO MICROSOFT EXCEL – BÁSICO AO AVANÇADO	
Natália Cardoso dos Santos Nardel Luiz Soares da Silva Jessyca Vechiato Galassi Lucas Casarotto Leonardo Backes Mosconi Nathália Cotorelli Aline Rafaela Hasper Daliana Hisako Uemura-Lima Paula Caroline Bejola Maria Antonia Urnau Daniela da Rocha Herrmann Lucas Natan Scheuermann	
DOI 10.22533/at.ed.34920200111	
CAPÍTULO 12	97
DISPOSITIVOS MÓVEIS COMO PROMOTORES DE INCLUSÃO SOCIAL	
Marilene Santana dos Santos Garcia Jaqueline Becker Willian Rufato da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.34920200112	
CAPÍTULO 13	104
DO TEXTO AO HIPERTEXTO: UMA CONTRIBUIÇÃO DA NARRATIVA MÍTICA NA CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO E NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE	
Everton Nery Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.3492020013	
CAPÍTULO 14	115
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL E A INFLUÊNCIA DE OTTO PETERS	
Nelson Batista Leitão Neto	
DOI 10.22533/at.ed.3492020014	
CAPÍTULO 15	128
EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA NO CONTEXTO DA ESCOLA: DIÁLOGOS E REFLEXÕES	
Amilton Gonçalves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.3492020015	
CAPÍTULO 16	140
EDUCAÇÃO INFANTIL EM JORNADA DE TEMPO INTEGRAL: OLHARES, SENTIDOS, FALAS E PERCEPÇÕES INFANTIS	
Kenia dos Santos Francelino Katscilaine dos Santos Francelino	
DOI 10.22533/at.ed.34920200116	
CAPÍTULO 17	146
EDUCAÇÃO INFANTIL: DOCÊNCIA E PRÁTICAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA	
Kenia dos Santos Francelino	
DOI 10.22533/at.ed.34920200117	

CAPÍTULO 18	152
EDUCAÇÃO PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM ASSENTAMENTO DO MOVIMENTO DOS SEM TERRA, ÓROCO – PE	
Xenusa Pereira Nunes	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira	
Francisco Assis Filho	
Xirley Pereira Nunes	
Lúcia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.34920200118	
CAPÍTULO 19	160
EDUCAR NA CIDADANIA- UMA PROPOSIÇÃO RELEVANTE NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DO CONTEXTO ESCOLAR	
Marivalda Evangelista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.34920200119	
CAPÍTULO 20	172
ENSINANDO BIOLOGIA ATRAVÉS DO BOB ESPONJA	
Susete Wambier Christo	
Augusto Luiz Ferreira Júnior	
Ana Flávia Monteiro	
Marilise Silva Meister	
Denilton Vidolin	
DOI 10.22533/at.ed.34920200120	
CAPÍTULO 21	179
ESPÉCIES BOTÂNICAS E A INFLUÊNCIA DAS PRECIPITAÇÕES NO FORRAGEAMENTO DE <i>MELIPONA EBURNEA</i> EM RIO BRANCO, ACRE	
Carmem Cesarina Braga de Oliveira	
Francisco Cildomar da Silva Correia	
Rui Carlos Peruquetti	
DOI 10.22533/at.ed.34920200121	
CAPÍTULO 22	184
ESPECIFICIDADES DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CONHECIMENTO DE PROFESSORES DE AEE	
Thalia Costa Medeiros	
Najra Danny Pereira Lima	
Mayanny da Silva Lima	
Thais Costa Medeiros	
Maria Helena Rodrigues Bezerra	
Francidalma Soares Sousa Carvalho Filha	
Marcus Vinicius da Rocha Santos da Silva	
Ava Fabian dos Anjos Lima	
Beatriz Zeppelini Bezerra de Menezes Nasser	
Alice Figueiredo de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.34920200122	

CAPÍTULO 23	197
EXPLORANDO JOGOS COMO FERRAMENTA DIDÁTICA PARA A APRENDIZAGEM DE FRAÇÕES	
<p>Andreia Belter Fernando Feiten Pinto Ivana Letícia Damião Júlia Gabriela Petrazzini da Silva Elizangela Weber Julhane Alice Thomas Schulz Mariele Josiane Fuchs</p>	
DOI 10.22533/at.ed.34920200123	
CAPÍTULO 24	206
FAUSEL E AUST: DOIS EXPOENTES DA LITERATURA	
<p>José Luís Félix</p>	
DOI 10.22533/at.ed.34920200124	
CAPÍTULO 25	216
FECHAMENTO DE ESCOLAS DO CAMPO: UM CRIME CONTRA OS DIREITOS HUMANOS	
<p>Jenijunio dos Santos José Guilherme Aguiar Assis Rafael de Carvalho da Costa</p>	
DOI 10.22533/at.ed.34920200125	
CAPÍTULO 26	223
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES CAMPESINOS: O ENTRELAÇAMENTO ENTRE TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA O ENSINO E EDUCAÇÃO DO CAMPO	
<p>Sabrina Stein Charles Moreto</p>	
DOI 10.22533/at.ed.34920200126	
CAPÍTULO 27	230
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: VOZES DA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<p>Odaléa Barbosa de Sousa Sarmento Ana Leide Rodrigues de Sena Góis Jocyléa Santana dos Santos</p>	
DOI 10.22533/at.ed.34920200127	
CAPÍTULO 28	240
FORMAÇÃO DE CÉLULAS COOPERATIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA ARTICULADORA, NO PROGRAMA FOCCO, CÁCERES MT	
<p>Ana Karla Pereira Viegas Cleide Aparecida Ferreira da Silva Gusmão Daniely Takekawa Fernandes Daiany Takekawa Fernandes Josimeire Teixeira Carrara Juliana Carol Braga Aponte Karla Silva da Paixão Rosane Andrade Vasconcelos</p>	

Thaysa Rodrigues da Silva Gonçalves

Thulio Santos Mota

DOI 10.22533/at.ed.34920200128

CAPÍTULO 29 243

FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO JALAPÃO - TOCANTINS

Odaléia Barbosa de Sousa Sarmento

Daniela Patrícia Ado Maldonado

Jocyleia Santana dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.34920200129

CAPÍTULO 30 246

GÊNEROS TEXTUAIS EMERGENTES: O MEME E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Nubiana Salazar

Paula dos Reis Lanz

Luciane Maria Wagner Raupp

DOI 10.22533/at.ed.34920200130

CAPÍTULO 31 255

GRUPO DE PESQUISA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: ALGUNS ENFOQUES E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA FORMAÇÃO DE FUTUROS PESQUISADORES

Renata Cristina Geromel Meneghetti

Augusta Teresa Barbosa Severino

Gabriela Castro Silva Cavalheiro

Julyette Priscila Redling

Marcela Aparecida Penteado Rossini

DOI 10.22533/at.ed.34920200131

SOBRE A ORGANIZADORA..... 266

ÍNDICE REMISSIVO 267

GÊNEROS TEXTUAIS EMERGENTES: O MEME E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Data de aceite: 03/01/2020

Nubiana Salazar

Estudante do curso de Letras das Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT. E-mail: nubianasalazar@outlook.com

Paula dos Reis Lanz

Estudante do curso de Letras das Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT. E-mail: paulinhadreis@gmail.com

Luciane Maria Wagner Raupp

Professora do curso de Letras das Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT. E-mail: lucianeraupp@gmail.com

RESUMO: As aulas de língua materna devem explorar os gêneros emergentes das tecnologias digitais de modo que os alunos possam desenvolver competências e habilidades necessárias para interpretá-los e produzi-los de modo crítico e ético. Essa interpretação deve levar em conta também questões estilísticas, que são marcadoras de conteúdos explícitos e implícitos. Nesse contexto, o gênero meme, cuja estrutura se apoia em gêneros que lhe são anteriores, toma especial relevo, tendo em vista o frequente contato que os estudantes têm com ele e a necessidade de aprofundar a visão crítica, alertando acerca de conteúdos preconceituosos e/ou antiéticos disseminados por esses textos virais. Nesse trabalho, é possível ir ao encontro da Base Nacional Comum Curricular

(BRASIL, 2018), desenvolvendo competências e habilidades previstas por ela.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros textuais. Meme. Estilística. Base Nacional Comum Curricular.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para tornar significativos e contextualizados os estudos da Língua Portuguesa, com o passar dos anos, surgiram diversas metodologias e recursos para abordar os objetos de conhecimento de forma lúdica e atraente. Nesse aspecto, os gêneros textuais também avançaram com sua didática, tornando a aprendizagem mais interessante aos estudantes, pois envolve o conteúdo do seu cotidiano. Além desse saber geral, é necessário que os docentes fundamentem devidamente suas práticas:

Muitas vezes, a necessidade de urgência no processo de preparação das aulas leva-nos a pensar diretamente nas atividades que serão desenvolvidas. Todavia, é importante refletirmos a respeito de nossas opções metodológicas, pois elas revelam os pressupostos teóricos que sustentam nossa prática (TIEPOLO, 2014, p.30).

Os educadores, a fim de obterem

resultados mais eficazes na educação, precisam estar sempre em busca de atualização das suas práticas de ensino. O ambiente digital, nesse contexto de hipermodernidade, sustenta esse interesse. Muitos recursos têm surgido para exigir e contextualizar novas práticas, como o uso dos gêneros textuais emergentes da tecnologia, com os quais os estudantes, especialmente os dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, têm contato diário. De acordo com Marcuschi (2005, p. 13), “[...] na atual sociedade da informação, a internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo”. Por isso, ela gera novos gêneros textuais, que, por sua vez, baseiam-se em gêneros que lhes são anteriores. Um exemplo clássico é o e-mail, que é descendente do gênero carta. Nesse sentido, as práticas escolares não podem ignorar esses gêneros em suas práticas de ensino da leitura e da escrita, incorporando-os às aulas, o que também leva, necessariamente, à reflexão sobre seus usos e (muitas vezes) abusos, além das questões ético-comportamentais e de cidadania envolvidas nesse processo.

Uma das características mais marcantes dos gêneros textuais emergentes das novas tecnologias de comunicação é o uso dos signos verbais em relação de complementaridade com outros signos. Essas múltiplas semioses também devem ser objeto de letramento na escola, tendo em vista a necessidade de os cidadãos desenvolverem as competências necessárias para ler com criticidade esses textos, como também aprender a lidar com os novos gêneros que poderão vir a surgir nesse contexto de (hiper)textualidades.

O meme é um gênero textual cujo nome deriva do grego *mimesis*, e engloba tanto signos linguísticos quanto visuais, pois alia imagem às palavras. Além disso, tem certo diálogo com o gênero charge, pois este último também é constituído por imagens, porém sua veiculação é exclusiva de jornais, tanto físicos como virtuais. Já o meme circula pela internet, nas redes sociais, tais como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*. Tem como característica ser um conteúdo “viral”, ou seja, ser rapidamente disseminado pelas redes sociais, pelo fato de fazer piada com um acontecimento recente e, muitas vezes, polêmicos, ou fazer chacota com alguma personalidade pública ou com alguma celebridade instantânea. Devido ao fato de seus conteúdos frequentemente serem incorretos do ponto de vista ético, trata-se de um gênero cuja discussão precisa ser mediada pela escola, com o intuito de promover a leitura crítica e de deter a disseminação de preconceitos das mais diversas ordens.

A tecnologia está inserida em todos os ramos da vida do ser humano e, se em outros pontos ela soma em relação ao desenvolvimento, é lógico que sua inserção no ensino também será eficaz. Como expõe Araújo (2005, p. 93),

Essas considerações nos levam a concluir que esfera de comunicação é um espaço próprio para as práticas de comunicação humanas. Por uma questão de necessidades, estas práticas fazem surgir os gêneros do discurso, os quais, além

de organizar a comunicação entre os indivíduos, trazem as marcas da esfera, conferindo-lhes uma relativa estabilidade.

Apresentamos, portanto, ao longo deste artigo, uma breve explanação sobre o gênero textual meme e como esse gênero pode ser explorado em sala de aula, além de analisarmos alguns memes com o intuito de exemplificar a análise textual e gramatical desse novíssimo gênero textual. Após, delinearemos algumas ideias a serem trabalhadas em sala de aula utilizando do gênero meme, ao relacioná-lo à Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

2 | GÊNERO MEME

Dentre os novos gêneros textuais que surgiram, o Meme está entre os mais usados pelos adolescentes, principalmente nas redes sociais. Caracterizado pelo humor, traz consigo, também, críticas sociais, políticas e morais, estabelecendo grande interatividade entre seus leitores. É necessário, pois, trazê-los às salas de aula, uma vez que, segundo Marcuschi (2005, p.13), “Esses gêneros eletrônicos já provocam polêmica quanto à natureza e proporção de seu impacto na linguagem e na vida social”.

Atualmente possuímos uma nova configuração de sociedade: estamos, ao passar dos dias, cada vez mais “on”, mais conectados, mais ligados às histórias individuais dos seus pares, do seu entorno. De acordo com Ferrari (2010):

A sociedade atual move-se em torno das pessoas, das suas histórias, dos seus costumes, suas experiências de vida, enfim, da informação individualizada. Naturalmente, o processo de comunicação está relacionado de modo íntimo com esse macromercado de seres humanos que precisam do ar que respiram (FERRARI, 2010, p. 07).

E é em torno da vida dos indivíduos e da sociedade, dos acontecimentos tanto individuais quanto políticos e históricos, que o meme é “gerado” e vem ao mundo com o intuito de entreter uma grande massa populacional que gasta uma significativa parcela de seu tempo diário em acessos e “espiadelas” nas redes, para ver qual o “meme” da vez. Tal nome se dá em analogia à *mimesis*, que seria a imitação, as relações de memória intertextual às quais muitas vezes esse gênero recorre para gerar humor – ainda que seja um humor de gosto duvidoso e de ética igualmente questionável.

2.1 O meme como instrumento de ensino

Como já visto, o “meme” pode ser uma das ferramentas para professores trabalharem em sala de aula, devido à sua proximidade com o jovem. Todo jovem

conhece o “meme”, e no momento em que o professor se utiliza desse gênero para introduzir assuntos e objetos de conhecimento da linguagem, o docente está, sutilmente, aproximando-se do discente e trazendo recursos da realidade do estudante para explorar em aula. O jovem, portanto, sentir-se-á muito mais conectado, envolvido e motivado com as aulas.

Lopes (2017, s/p) descreve o gênero meme da seguinte forma:

Conhecidos por apresentarem imagens legendadas, vídeos ou expressões que se espalham pela internet rapidamente, os memes chegaram a ser apontados por pesquisadores como um novo gênero textual da era digital. Apesar de ainda existir pouco conhecimento sobre esse universo, não dá para negar que ele se popularizou entre adolescentes, jovens e até mesmo adultos (LOPES, 2017).

O que Lopes (2017) afirma é a realidade encontrada nos dias de hoje, era digital, principalmente para as faixas etárias mais jovens. Se os educadores se propuserem a elaborar um planejamento que concilie a realidade dos educandos, fora da escola, com os conteúdos abordados em sala de aula, alcançarão seu objetivo de ensinar com mais eficácia. Além disso, tal planejamento não unirá apenas o aluno com o conteúdo, mas aproximará professor- aluno, relação que estabelece também muitos fatores positivos para a eficácia do aprendizado.

O meme, muitas vezes, alia mais de um sistema de signos, pode ser escrito, mas geralmente esta escrita está associada com uma imagem ou, às vezes, tal imagem “fala” por si só. Temos no meme duas linguagens distintas, a textual e a visual, e uma completa a outra.

Esse novo gênero assemelha-se com os temporalmente anteriores piada, charge e HQs, porém o meme possui uma interface distinta, podendo ser facilmente diferenciado dos outros gêneros com os quais possui certa semelhança. Ele é utilizado quase que estritamente em plataformas digitais, em redes sociais de uma maneira informal.

Quanto aos seus aspectos gramaticais e estilísticos, há que se observar que, como se aplica também aos outros gêneros, não há como dissociá-los:

Toda forma gramatical é, ao mesmo tempo, um meio de representação. Por isso, todas essas formas podem e devem ser analisadas do ponto de vista das suas possibilidades de representação e de expressão, isto é, esclarecidas e avaliadas de uma perspectiva estilística (BAKHTIN, 2013, p. 24-25).

Devido ao fato de que os modos de organização estilístico-gramatical geram sentidos, na abordagem pedagógica do meme podemos explorar, por exemplo, os conceitos de palavras homônimas e homófonas, que dão sentidos diferentes a palavras de mesma grafia ou palavras de grafias diferentes que têm um mesmo som. Tais jogos de semelhanças são bastante explorados na construção dos memes. Um

exemplo de palavra homônima é “verão”, que pode significar uma estação do ano, ou o verbo “ver”, flexionada na terceira pessoa do plural do futuro do presente do modo indicativo. Nesse “jogo de palavras”, o meme junta uma imagem à frase exposta, fazendo com que resulte em um contexto reconhecido, muitas vezes, por quem tem total ou parcial entendimento da língua escrita e do específico contexto - histórico, político, social.. – do local e momento publicado.

De acordo com o assunto mencionado, analisemos a seguinte imagem:



Imagem 1 – O Enroladinho

Fonte: redacaonline (2017)

De acordo com o texto que se observa na Imagem 1, há um jogo entre o nome do alimento exposto na foto (o substantivo “enroladinho”) e o adjetivo aplicado a quem age como se pode depreender dos trechos da conversa transcrita de uma conversação on-line, a quem seria atribuído o adjetivo “enroladinho”, termo da linguagem coloquial

A coloquialidade, aliás, é uma forte característica do gênero em questão, uma vez que reproduz a linguagem usada nas redes sociais, que muitas vezes, além de informal não segue as regras gramaticais e ortográficas. E essa linguagem mais despojada tem um porquê: é utilizada para que possa atingir os usuários das redes sociais que os compartilham e reproduzem sua mensagem, seja ela crítica, política, ou, humorística.

Mesmo diante desse dinamismo vertiginoso, não se pode relevar que a linguagem utilizada nesse gênero é errônea, e faz-se necessária a correção linguística em ambiente escolar, por exemplo, ao ser usado o meme em um planejamento de aula, em especial nas disciplinas pertinentes à Língua, o professor deve instigar seus alunos a buscar perceber as inconformidades do texto do meme em relação às normas gramaticais da Língua Portuguesa. Isso porque não se pode esquecer

do objetivo primordial desse componente curricular, que é o de fazer com que, gradualmente, os alunos tomem posse do nível culto da língua, sabendo usá-lo nas situações cotidianas e acadêmicas em que ele se faz absolutamente necessário. Promover o acesso a esse nível é promover a cidadania, uma vez que possibilita a mobilidade social dos educandos. Uma vez que isso não é possibilitado a um estudante, tiram-se dele oportunidades na vida. Trata-se, portanto, de um dever da escola.

Apresentamos mais alguns exemplos de memes, visando à caracterização do gênero, com vistas à posterior construção de uma sequência didática.

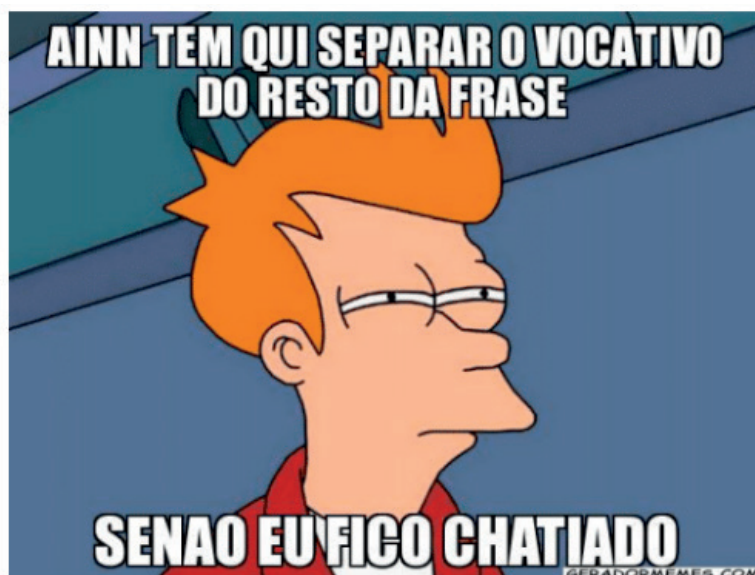


Imagem 2

Fonte: Gerador memes (2012)

Na imagem 2, apresenta-se um personagem cuja identidade visual remete ao conhecido desenho animado “Os Simpsons”, conhecido mundialmente pelo seu humor politicamente incorreto, com uma expressão facial que expressa tédio. Trata-se de uma chacota ao cuidado com o uso da vírgula, em um caso cujo uso é bastante ignorado na escrita nas redes sociais, que é a separação do vocativo por vírgula. Além disso, o próprio texto parece cometer desvios gramaticais propositalmente: a falta de vírgula depois da interjeição “Ainn”, “qui” no lugar de “que”, “tem qui” no lugar de “deve-se”, “chatiado” no lugar de “chateado”, falta de til em “senão” e a falta de pontuação.

Quanto à estrutura do texto, o meme da Imagem 2 segue o modelo mais usado: na parte superior da imagem, coloca-se uma oração do período composto e, na parte inferior, a outra oração. Na maioria dos casos, temos períodos compostos por coordenação de ideias, mas também a subordinação aparece. Tal diferença implica questões estilísticas que podem ser trabalhadas com os alunos de forma comparativa e investigativa: quais são as diferenças de compreensão e de sucesso

(de viralização) dos memes usando um ou outro processo de construção dos períodos? Por que existem essas diferenças?

3 | OS MEMES E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Para trabalhar com o gênero meme em sala de aula, faz-se necessária a elaboração de uma sequência didática, visando abordar o meme com uma didática ativa e inovadora. De acordo com Ferrari (2010, p. 09), “[...] o professor, entre outros profissionais, que lidam com informação como matéria-prima de seu trabalho, têm que aprender a disseminar a informação da melhor maneira possível”. Em outras palavras, o professor precisa utilizar a informação, a tecnologia ao seu favor

O meme poderia, por exemplo, ser objeto de ensino em uma sequência didática direcionada para o segundo ano do Ensino Médio, explorando questões da análise sintática interna (como o uso da vírgula separando o vocativo; não uso da vírgula entre sujeito e predicado) e análise sintática externa (as orações coordenadas e subordinadas, como já citamos no tópico anterior) e suas implicações estilísticas, que, por sua vez, geram significados.

3.1 Competências e habilidades de acordo com a BNCC

Visando ao desenvolvimento de competências e habilidades sócio-comunicativas dos estudantes, para que as aulas de Língua Portuguesa continuem sendo aulas de “ler, escrever, ouvir e falar”, leva-se em consideração a seguinte premissa da Base Nacional Comum Curricular:

No Ensino Médio, os jovens intensificam o conhecimento sobre seus sentimentos, interesses, capacidades intelectuais e expressivas; ampliam e aprofundam vínculos sociais e afetivos; e refletem sobre a vida e o trabalho que gostariam de ter. Encontram-se diante de questionamentos sobre si próprios e seus projetos de vida, vivendo juventudes marcadas por contextos culturais e sociais diversos. (BRASIL, 2018, p. 473).

Tendo em vista essa diversidade mencionada no contexto, assim como os vínculos sociais e afetivos também aludidos, trabalhar a interpretação crítica do gênero meme é de suma importância, a fim de que não compartilhem conteúdos preconceituosos com os quais não concordam. Se tivessem refletido antes sobre a publicação, talvez não a teriam compartilhado. Para esse exercício de cidadania “eletrônica”, algumas competências e habilidades previstas na BNCC fazem-se extremamente necessárias e podem ser contempladas em uma sequência didática sobre esse gênero, a saber:

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	HABILIDADES
1 – Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade para continuar aprendendo. (p. 481).	(EM13LGG103) Analisar, de maneira cada vez mais aprofundada, o funcionamento das linguagens, para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses. (p. 483).
	(EM13LGG105) Utilizar as diferentes linguagens, levando em conta seus funcionamentos, para a compreensão e produção de textos e discursos em diversos campos de atuação social. (p. 483).
7 – Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva. (p. 482).	(EM13LGG701) Explorar tecnologias digitais da informação e comunicação (TCID), compreendendo seus princípios e funcionalidades, e mobilizá-las de modo ético, responsável e adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos. (p.489).
	(EM13LGG703) Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais. (p. 489).

Quadro 1: Competências e habilidades - BNCC

Fonte: Brasil, 2018, p. 481, 482, 483 e 489.

Tais competências e habilidades se enquadram dentro da competência geral de número 3: “Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (BRASIL, 2018, p. 09).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gênero “meme”, assim como outros gêneros emergentes das tecnologias ligadas à internet, apoia-se em gêneros que lhe são anteriores para se constituir. Tendo em vista esse caráter de “reciclagem” de gêneros, é necessário que as aulas de língua materna desenvolvam nos alunos competências e habilidades de aprender a aprender a ler e a produzir textos em gêneros que são novos e que se inovam.

O gênero meme desnuda a necessidade de as escolas trabalharem os gêneros de modo a explorar as questões estilísticas como geradoras de sentido. Como há tempos se defende, não há como abordar de forma separada interpretação, gramática, estilística, produção textual: os sentidos são formados por um conjunto.

Como próximo passo de nosso trabalho, será elaborada uma sequência didática e aprofundada a relação entre gêneros e BNCC.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Júlio César Rosa de. *A conversa na web: o estudo da transmutação em um gênero textual*. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Petrópolis: Lucerna, 2005. p. 91-109.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base .Ensino Médio*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf>. Acesso em: 17 maio 2018.
- FERRARI, Pollyana. *A web somos nós*. In: FERRARI, Pollyana (Org.). *Hipertexto hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital*. São Paulo, Contexto: 2010.
- MEMES, Gerador de. Disponível em: <<http://geradormemes.com/meme/3euekp>>. Acesso em 17 maio 2018.
- LOPES, Mariana. *Sucesso nas redes sociais, memes também podem ensinar*. CIEB – Centro de Inovação para a Educação Brasileira. Disponível em: <<http://www.cieb.net.br/sucesso-nas-redes-sociais-memes-tambem-podem-ensinar/>>. Acesso em: 17 maio 2018.
- TIEPOLO; Elisiane Vitória. *Falar, ler e escrever na escola: práticas metodológicas para o ensino de língua portuguesa*. Curitiba: intersaberes, 2014.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais emergentes na tecnologia digital*. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Petrópolis: Lucerna, 2005. p. 13-67.
- NOJOSA, Urbano Nobre. *Da rigidez do texto à fluidez do hipertexto*. In: FERRARI (Org.) *Hipertexto e hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital*. São Paulo, Contexto: 2010.
- ONLINE, Redação. *O que esses 9 memes tem a ver com a gramática?* Disponível em: <<https://redacaonline.com.br/blog/o-que-esses-9-memes-tem-ver-com-gramatica/>>. Acesso em: 17 maio 2018.
- PASSOS, Marcos Vinicius Ferreira. *O gênero “meme” em propostas de produção de textos: Implicações discursivas e multimodais*. Anais do Sielp, vol. 2, nº I. Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielpl/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_204.pdf>. Acesso em: 17 maio 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abelha sem ferrão 179

Adolescente 50, 145, 161, 196, 221

Alfabetização 71, 72, 82, 84, 85, 88, 89, 100, 120

Alimentação saudável 152, 154, 155, 157, 158

Analfabetismo funcional 71, 97, 99, 100

Aplicativos educacionais 97

Aprendizagem 9, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 28, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 46, 60, 61, 65, 66, 67, 70, 72, 73, 74, 75, 82, 83, 85, 86, 88, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 112, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 125, 126, 134, 136, 138, 146, 150, 156, 167, 173, 184, 185, 187, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 204, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 231, 233, 238, 240, 241, 246, 255, 256, 257, 258, 261, 262, 263, 264, 265

Aprendizagem móvel 97

Autonomia 10, 37, 70, 73, 88, 101, 125, 126, 136, 150, 160, 161, 163, 164, 165, 171, 185, 195, 240, 255, 257, 260, 263, 265

Avaliação 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 34, 35, 37, 47, 77, 83, 86, 88, 116, 119, 121, 128, 129, 134, 135, 136, 137, 139, 150, 162, 188, 196, 209, 227, 256, 258, 263

C

Cidadania 92, 133, 145, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 247, 251, 252

Conservação 92, 172, 173, 174, 175, 177, 180

Contexto escolar 15, 82, 128, 129, 130, 131, 132, 135, 137, 138, 143, 160, 161, 167, 187, 194, 231

Criança 31, 42, 44, 46, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 84, 85, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 161, 167, 170, 185, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 199, 200, 212, 213, 214, 221, 232, 234, 235, 236, 237, 238

Cultura escolar 128, 129, 130, 131, 134, 137

Currículo 29, 60, 62, 82, 83, 86, 87, 88, 89, 90, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 114, 128, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 148, 151, 165, 219, 255, 260, 261, 262, 264, 265

Currículo adaptado 82, 83, 87

D

Desenho animado 172, 173, 174, 175, 177, 251

Design de inclusão 97, 102

Direitos e deveres 160

Docência 146, 147, 149, 150, 162, 184, 197, 198, 245

E

Educação contextualizada 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Educação inclusiva 9, 10, 11, 82, 83, 89, 151, 185, 186, 191

Educação infantil 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 243, 244, 245

Ensino 1, 10, 12, 14, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 46, 48, 60, 64, 67, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 92, 112, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 141, 142, 143, 146, 149, 150, 151, 167, 173, 174, 177, 178, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 205, 217, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 243, 245, 247, 248, 252, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266

Ensino de biologia 14

Extensão 1, 26, 27, 32, 33, 35, 40, 41, 42, 47, 52, 61, 68, 77, 80, 91, 92, 93, 119, 120, 152, 153, 158, 225

F

Floração 179, 181, 182

Formação 4, 5, 10, 12, 28, 30, 34, 36, 38, 41, 64, 66, 70, 73, 74, 75, 82, 92, 95, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 113, 120, 121, 122, 136, 146, 147, 149, 150, 151, 161, 162, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 187, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 207, 214, 218, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 243, 244, 245, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 263, 264, 265, 266

H

Hipertexto 104, 106, 107, 110, 111, 112, 254

I

Informática 92, 93, 95, 96, 107, 117, 120, 263, 265

Instrumentos avaliativos 14, 15, 18, 21, 22, 24

L

Leitura 27, 28, 29, 34, 35, 42, 44, 45, 46, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 97, 98, 99, 101, 102, 107, 111, 130, 167, 170, 211, 212, 225, 226, 228, 233, 235, 236, 238, 247, 258

Letramento 34, 35, 82, 84, 89, 103, 171, 247

Linguagem 2, 3, 5, 16, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 70, 71, 72, 73, 85, 87, 100, 101, 106, 107, 108, 112, 113, 114, 130, 137, 192, 205, 248, 249, 250, 253

M

Meliponicultura 179

Metodologias ativas 97

Metodologias de ensino 77, 200, 230

N

Narrativa mítica 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 113

P

Papilomavírus humano 49, 50, 51, 56, 57, 58

Percepções infantis 140

Pertencimento 30, 98, 136, 160, 163, 170, 244
Políticas públicas 9, 10, 153, 222, 236, 265
Práticas de formação continuada 146, 150, 237
Promoção da ciência 77
Promoção da saúde 152, 156, 157, 158

Q

Química forense 76, 77, 78, 80

R

Recurso polínico 179

S

Salas de recursos multifuncionais 9, 10, 187, 196

Software 92, 93, 120, 182, 227, 262

T

Tempo integral 140, 141, 142, 143, 144, 145

Terapia assistida por animais 39, 47

Texto 34, 35, 40, 58, 60, 63, 64, 67, 68, 73, 104, 106, 107, 110, 111, 115, 130, 138, 210, 213, 214, 228, 245, 250, 251, 254, 257

Transdisciplinaridade 39

V

Vacinação 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

Z

Zoologia 172, 174, 177

